

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

NATHÁLIA ELY DA SILVEIRA

**JORNALISMO ESPORTIVO SOB OLHAR DE ALCOBA E SEUS
SEGUIDORES**

Artigo acadêmico apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante o semestre de 2012/1,

Orientadora: Professora Dra.Sandra de Deus.

**PORTO ALEGRE
2012**

Jornalismo Esportivo sob o olhar de Alcoba e seus seguidores¹

Nathália Ely da Silveira²

RESUMO

O esporte pode ser considerado uma editoria do jornalismo ou mesmo apenas entretenimento. Para autores como o professor paulista Antonio Alcoba Lopez, entretanto, mais do que apenas uma editoria, o esporte é uma especialização do jornalismo e, para tanto, deve ser realizado por especialistas. A qualidade do jornalismo esportivo depende da preparação e da formação desse profissional. E o estudo é fundamental nessa questão. Será que o pensamento de Alcoba predomina no Brasil? Por meio de entrevista com Alcoba, considerado precursor dos estudos do jornalismo esportivo no Brasil, e de seus seguidores no país, além de uma pesquisa das disciplinas oferecidas nas universidades brasileiras, o presente artigo tem o objetivo de responder a esse questionamento e traçar um resumido panorama de como se caracterizam os estudos dessa área no país.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo, especialização, ensino, esporte

INTRODUÇÃO:

“Jornalismo esportivo como entretenimento ou como especialização do gênero informativo?”. Esse foi o questionamento que norteou o trabalho de conclusão de curso da minha graduação. Afinal, desde a minha entrada na

¹ Artigo acadêmico apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante o semestre de 2012/1, orientado pela Professora Dra.Sandra de Deus.

² Jornalista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, assessora de comunicação da Secretaria estadual do Esporte e do Lazer e do Comitê Gestor da Copa 2014 RS. Colaboradora do site Travinha Esportes (www.travinha.com.br). E-mail: nathi.es@gmail.com

faculdade percebi uma discriminação, sendo encarado, até mesmo pelos professores, como uma editoria menor, ou uma editoria “fácil” e um trabalho que poderia ser realizado por qualquer um, por isso não demandaria tanto estudo. Isso refletia o currículo do curso que, apenas no penúltimo semestre ofereceria uma disciplina de jornalismo especializado, no qual o esporte poderia ser uma das editorias trabalhadas. Tal panorama, como será mostrado nesse artigo, não é um caso de exceção nas universidades brasileiras. Para a monografia, uma ampla revisão bibliográfica e entrevista de profissionais e autor de livro na área – o jornalista Paulo Vinícius Coelho (PVC)³, levou à constatação de que esporte é sim jornalismo e jornalismo especializado e que, desse modo, para ser um jornalista esportivo é preciso também se especializar.

“O Esporte está vivo, brigando por seu espaço dentro das quatro linhas (...)A luta é difícil, mas é preciso saber utilizar os golpes certos, que tornarão o tema indiscutivelmente campeão. Quais são esses toques? (...) São dribles no lugar-comum e um tiro certo na novidade, na informação e na técnica”. (Da Silveira, 2009,p.85)

O autor base para a monografia foi o professor espanhol Antonio Alcoba Lopez, considerado por estudiosos no Brasil como o precursor intelectual dos estudos do jornalismo esportivo no país. “*Alcoba foi o primeiro teórico a enfatizar como deveria ser o processo de comunicação esportiva*”, (CAMARGO, 2012). Conforme Hammes (2012)⁴, as obras do professor espanhol foram fundamentais à sistematização e à consolidação dos estudos no Brasil, o que aconteceu a partir do início da década de 90. Sua importância é também mundial. “*Ele seja, talvez, o autor do maior número de livros sobre jornalismo esportivo no mundo*”(Hammes, 2012).

O último capítulo do trabalho da graduação apresentou um pequeno levantamento de faculdades gaúchas que disponibilizam estudos nessa área. Apesar das mais de oitenta páginas, ficou ainda o desafio.

“A pesquisa para saber quais são esses diferenciais que ajudarão o Jornalismo esportivo a dar saltos maiores, colocar para escanteio o ‘tititi’ contra e a ser mais bem tratado deve continuar. Assim, ele poderá ser considerado um verdadeiro jornalismo especializado, como ele é” (Da Silveira, 2009, p.85)

³ Jornalista da ESPN e autor do livro *Jornalismo Esportivo* (2004)

⁴ Prof^a Dr^a Marli Hatje Hammes em entrevista concedida à autora por e-mail em 31/03/2012

Pois esse artigo é a continuidade. Ultrapassa o tempo normal da graduação, se estendendo para a pós. Mais do que apenas apontar em quais instituições de ensino superior o jornalismo esportivo é ensinado, seja como disciplina, seja como especialização, o artigo propõe uma análise de quem trabalha com esse tema nas faculdades. O levantamento do ensino nas universidades foi realizado pelo cadastro de Instituições de Educação Superior e Cursos do Ministério da Educação (MEC), disponível no Portal do MEC⁵. Foram consultados todos os estados e o levantamento foi realizado por meio das informações disponíveis nos sites das instituições encontradas. Já a análise do jornalismo esportivo e do seu estudo, com foco no desenvolvido no Brasil, foi realizado com entrevistas com o professor Antonio Alcoba Lopez e seus seguidores no país. Seguindo a orientação da professora Vera Regina Toledo Camargo (2005)⁶, dividimos os seguidores em três gerações e entrevistamos um estudioso de cada uma delas, sendo a própria Vera Camargo uma das entrevistadas por pertencer à terceira geração. Foram entrevistados também Sergio Carvalho (Unifra) e Marli Hatje Hammes (UFSM). As perguntas foram enviadas por e-mail para os respondentes. A revisão bibliográfica de textos e artigos embasa o desenvolvimento do artigo.

1. O Jornalismo Esportivo no Brasil: Mais de 30 modalidades olímpicas e seus vocabulários específicos, os problemas e meandros que envolvem uma negociação de jogadores, a transmissão de um jogo de handebol e todos os assuntos paralelos que se relacionam com um evento esportivo. Isso sem falar na paixão, do torcedor e do repórter esportivo. Sentimento que pode atrapalhar na imparcialidade – qualidade buscada pelo profissional da imprensa - e que faz o aficionado exercer pressão no profissional que informa, pois quer saber todos os detalhes sobre seu time, o atleta para o qual torce. Engana-se quem pensa e fala que o jornalismo esportivo é uma área fácil de trabalhar. Pois diante de tantas áreas a abordar, tantos temas a tratar é preciso qualidade para conduzir a notícia.

⁵ <http://emec.mec.gov.br/>

⁶ Estudiosa sobre a história do jornalismo esportivo.

A realização de dois megaeventos esportivos no Brasil (Copa do Mundo da FIFA 2014 Brasil e Jogos Olímpicos 2016), instiga a saber como está a preparação daqueles que serão os transmissores da informação desse gênero. Afinal, serão eles os mediadores entre as fontes de informações e o mundo que estará com o foco voltado para o Brasil, visto que esses são os maiores eventos esportivos mundiais. O cenário atual, conforme os pesquisadores entrevistados, não é muito positivo, mas apresenta boas perspectivas. Generalista, opinativo e, por muitas vezes, especulativo, muitos críticos enxergam

“o noticiário esportivo como um espaço destinado à superficialidade, conduzido por um grupo de comunicadores que prefere ‘perder tempo’ com informações e análises sobre os resultados das competições, em vez de discutir os problemas do esporte, com o mesmo engajamento do debate em torno do acesso à educação, saúde, segurança e monopólio dos meios de comunicação” (Maluly, 2010, p.2)

O jornalismo atual, principalmente o televisivo, por meio de suas transmissões de imagens e suas locuções carregadas de emoções, privilegiam o espetáculo ao caráter jornalístico, o simples entretenimento, à informação. Não que os dois não possam existir concomitantemente, mas é preciso reconhecer o espaço de cada um. Uma solução apresentada por Vera Camargo (2012) seria utilizar o espetáculo da imagem, mas destacar uma matéria que tenha profundidade e que não se restrinja à superfície dos fatos, utilizando somente o audiovisual.

A comunicação esportiva conta hoje com muitos “achismos” e menos certezas. Sem realizar a verdadeira função do repórter de buscar a informação, investigar e checar a sua veracidade, o profissional acaba atuando apenas na base do “eu acho isso”, “eu acho aquilo”. A opinião supera os dados. Quem opina é o comentarista e são eles que atualmente têm destaque no esporte. Os comentários valem mais do que os relatos informativos, e os comentaristas são mais reconhecidos do que os jornalistas que produzem as matérias.

Outro problema do jornalismo esportivo atual é a falta de jornalistas que entendam de determinadas modalidades. A supervalorização de uma modalidade – o futebol - acaba deixando de lado modalidades até mesmo olímpicas, que não possuem muito espaço na programação televisiva, na diagramação dos jornais ou

nas transmissões radiofônicas da mídia em geral. Um passo a favor do esporte foi dado em dezesseis de abril desse ano, quando o Correio do Povo aumentou o seu espaço diário da editoria esportiva. Conforme o editor responsável, Hiltor Mombach⁷, isso se deve ao fato de haver tantas modalidades, de tantos eventos e de tantos temas - como a construção de dois estádios em Porto Alegre – além do esporte paralímpico e do interior do estado, o que necessita e possibilita mais páginas dedicadas a essa editoria. Entretanto, um maior espaço é encontrado em canais especializados (acessados por assinatura de televisões fechadas), revistas e jornais especializados e na Internet - uma forte tendência visto que é um meio mais acessível e que tem o maior alcance de público, por veicular mundialmente. Exemplos existem, mas podemos citar aqui um site ainda novo, com apenas dois anos de existência. O Travinha Esportes⁸ apresenta diferentes formas de informar sobre as várias modalidades esportivas. Seja através de conteúdos como regras e histórias das modalidades, seja por matérias vinculadas na Web TV, seja por notícias advindas das federações esportivas, seja pelos blogs constantes no site, o Travinha Esportes tem a intenção de realmente informar.

Ao se aproximar de um grande evento esportivo, como os Jogos Olímpicos, por exemplo, as empresas procuram especialistas para falar sobre diferentes modalidades. A ausência de jornalistas especializados é suprimida pela utilização de atletas ou ex-atletas como comentaristas, buscando no seu passado, na sua experiência da prática esportiva a credibilidade que o profissional da imprensa não possui.

“Não que não sejam importantes estes depoimentos, mas não se deve confundir a informação que deve ser passada com experiência vivida dentro de campo ou de quadras em tempos passados. Como informação complementar é importante” (Carvalho, 2012).

Os comentaristas não podem passar a ser os mediadores. Eles são a fonte, não os responsáveis por transmitir as informações.

⁷ Declaração do editor durante cerimônia de anúncio da ampliação da editoria esporte do Correio do Povo, em 16 de abril de 2012.

⁸ www.travinha.com.br

Além do esporte de alto rendimento e suas competições, a comunicação esportiva pode e deve promover os esportes não profissionais e pautas relacionadas ao esporte, que não o esporte em si (como projetos que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão social). É o jornalista cumprindo o papel de educar a sociedade. *“Falta cientificidade para qualificar a informação esportiva e educar a sociedade para uma nova forma de encarar o esporte”* (Hammes, 2012).

2. Além da prática - a formação acadêmica: *“El periodista es un señor que cuenta la actualidad según su personal e intransferible punto de vista, que puede ser equivocado, manipulado o comprado por quienes están interesados en deformar la realidad de las cosas”* (Alcoba, 2012). Para contar a atualidade ao seu público, conforme defende Alcoba, o jornalista precisa conhecer essa realidade que vai narrar, falando e entendendo de todos os temas, a fim de não ser facilmente manipulado por quem deseja utilizar o esporte a seu favor (como dirigentes esportivos, por exemplo). Para tanto, o importante seria conhecer um pouco de cada área que será trabalhada, buscando esse conhecimento aos poucos, para então ter um amplo entendimento acerca das pessoas e situações envolvidas. (Alcoba, 2012).

Ideia essa que se aplica ao jornalismo e ao Jornalismo Esportivo, que, assim como a política e a economia, é uma especialidade da área jornalística. Para tanto, é preciso buscar algo além do que só a narração de resultados e a comunicação de placares, ou o espetáculo e o entretenimento. O jornalismo pode entreter, mas deve, sobretudo, informar, e para isso, ser tratado com responsabilidade. *“Quando envolve resultado, auxílio da ciência, de equipe multiprofissional, de investimento financeiro... (o esporte) é algo sério. E tudo o que é sério no jornalismo, deve ser tratado com a devida seriedade”* (Carvalho, 2012).

A importância do tratamento adequado ao tema esporte está relacionada ao próprio poder do esporte, que interessa a um grande número de espectadores, rende bilhões de dólares por ano – seja em eventos, seja em venda de produtos relacionados, seja na venda de veículos informativos - e que movimenta as

divulgações. Com tamanho público e valorização econômica, a qualidade na informação faz-se necessária, visto que os aficionados pela área estão também mais exigentes e procuram, através de veículos especializados, pela briga na concorrência, aquela notícia que lhe traga mais detalhes, uma melhor informação, com mais credibilidade. *“Buscamos o jornalista que traga as melhores informações e que tenha credibilidade, não esteja envolvido com equipes/cartolas e subornos. Buscamos uma matéria que traga um enfoque histórico/conceitual”*.(Camargo, 2012)

Apresentar um histórico, um enfoque conceitual e, por que não, sociológico. Fazer jornalismo esportivo é também ressaltar outros aspectos que não apenas o esporte em si, como temas que influenciem a prática. Esporte, por exemplo, é medicina (casos de doping), economia e direito (negócios entre jogadores, clubes). Além dos esportes de alto rendimento, o jornalista aborda também o surgimento de novos atletas, o esporte de inclusão social. Para desenvolver todos esses e tantos outros temas relacionados ao mundo esportivo, é necessário uma gama de conhecimento para quem deseja trabalhar nessa área, colocando, ao contrário do que muitos pensam, o jornalismo esportivo como uma das áreas mais complexas para se trabalhar.

“Para ser jornalista esportivo tem-se que saber mais do qualquer outro jornalista, isto porque não basta conhecer somente o esporte e sim suas variáveis e significâncias. Envolvem conhecimentos de história, sociologia, filosofia, economia, fisioterapia, educação física, medicina, matemática, química, física, cultura geral, entre outros”. (Carvalho, 2012)

Outro fator importante para a boa qualidade da informação a ser transmitida aos espectadores é saber consultar as fontes certas, saber quem são essas fontes, quem ou o que pode ser agregado à matéria para que ela tenha conteúdo. E só tem esse discernimento, só sabe identificar essas fontes e só sabe ouvir outras pessoas que não só as chamadas fontes oficiais - como dirigentes e políticos, quem realmente conhece o tema para qual está trabalhando. Além disso, é esse conhecimento que permitirá que o repórter distinga os dados verdadeiros dos falsos.

É realmente uma temática muito grande e repleta de detalhes que devem ser conhecidos por quem tem a função de transmitir a informação à sociedade. Como

não é possível se ter um amplo conhecimento de tudo, para que exista a melhoria no jornalismo esportivo brasileiro, é preciso que o profissional da imprensa possua então muito conhecimento de pouco assunto, ou seja, para trabalhar com o esporte o ideal é possuir a especialização, que permite que se aprofunde o conhecimento em poucos temas e saber o suficiente daquilo que interfere na pauta principal. *“La especialización en una o varias y concretas ramas del saber, es fundamental para ser buen periodista, una vez que el reporterismo, fundamental si se quiere ser buen periodista en un margen más genérico, hoy está siendo aniquilado por el periodismo especializado”*, (Alcoba, 2012)

A qualidade do jornalista, a importância que ele terá, e, conseqüentemente, a credibilidade que o público lhe conferirá se adquire por meio de uma boa formação: *“A preparação de um jornalista esportivo deveria estar diretamente ligado ao estudo. É essa a minha grande preocupação com essa nova geração que está querendo atuar nessa profissão e não quer estudar...”* (Alcoba apud Camargo, 2005). É a universidade que vai ampliar a gama do saber, promover o diálogo entre a prática e a teoria e demonstrar as diferentes implicações do esporte. O estudo na universidade também aprofunda, amplia os conhecimentos de determinado conteúdo.

“La Universidad sirvió para educarme en diversas áreas, a través de las cuales poseer más amplios conocimientos para ponerlos al servicio de la experiencia ya adquirida de años de ejercicio de la profesión, y darme cuenta de la implicación que en el deporte tenía todas las ramas del saber”. (Alcoba, 2012)

Para ser um bom jornalista e poder tratar com competência o esporte ou todos os esportes aos quais o profissional da imprensa se dedica, conforme Alcoba (2012), o ideal seria o jornalista já ter praticado, mas isso não é o essencial. O principal é o jornalista conhecer as regras de cada jogo, suas competições, os desportistas – desde os iniciantes até os profissionais e as grandes figuras, os clubes, os técnicos, os recordes, as estatísticas e tantas outras questões que dependem de dedicação exclusiva.

Essa dedicação inicia já no aprendizado da profissão. Ter contato já na universidade com o jornalismo especializado é o primeiro passo para formação do

profissional competente. Alcoba (2012)⁹ defende que o ensino do jornalismo deveria ser realizado em cinco anos, ocorrendo conforme a fórmula de três anos de matérias comuns, gerais a todas as áreas do jornalismo, variadas. Os outros dois anos seguintes seriam para a especialização na área desejada.

Outra fórmula, apresentada por um dos seus seguidores, seria dar início, como disciplina, do jornalismo esportivo, já na graduação. Mas a especialização é obrigatória e deve *“ser feita pelo profissional ao longo do curso e da vida independentemente da área que irá atuar, seja prática ou academicamente. É um estudo contínuo e longitudinal”*. (Carvalho, 2012)¹⁰

Como já demonstramos, o trabalho com o esporte na imprensa envolve, além do profundo conhecimento dos esportes em si, entender de muitos outros temas relacionados. Por isso, para a boa formação do profissional, a frequência, ainda na faculdade, em aulas de outros cursos, como educação física, específicas de futebol voleibol ou demais modalidades a fim de se tomar contato com a teoria e a prática, aprendendo suas regras e suas táticas. Frequentar disciplinas de sociologia e de direito, para a melhor compreensão de outros aspectos relacionados ao esporte, também colaboram nessa formação. *“El periodismo y el periodista debe especializarse en una materia concreta, máxime cuando para poder hablar o escribir sobre ella debe enfrentarse con áreas que inciden en la materia en la que se ha especializado”* (Alcoba, 2012)

O esporte também é um assunto em constante transformação. Por isso, é essencial a permanente atualização de quem trabalhará nessa área. Essa atualização, buscada pelo próprio profissional, pode vir de diferentes maneiras, com participação em seminários, conferências ou em cursos voltados para o aperfeiçoamento e entendimento sobre a cultura do esporte, a sociologia e a história e conquistas (Camargo, 2012)¹¹.

“O jornalista esportivo é por natureza um profissional incompleto se consideramos que a cada ano surgem novas modalidades esportivas. É

⁹ Professor Doutor Antonio Alcoba Lopez em entrevista concedida à autora por e-mail em 19/03/2012

¹⁰ Professor Doutor Sergio Carvalho em entrevista concedida à autora por e-mail em 29/03/2012

¹¹ Professora Doutora Vera Regina Camargo em entrevista concedida à autora por e-mail em 20/03/2012

preciso tempo para se atualizar, caso contrário este tipo de jornalismo presta um desserviço à sociedade”.(Hammes, 2012)

Outro recurso para o aprendizado constante é a literatura. O jornalista precisa manter-se atualizado, ler livros, revistas, jornais, também assistir aos jogos e ouvir noticiários. Sempre que possível, participar de mesas-redondas, palestras, debates (Barbeiro e Rangel apud Da Silveira, 2009, p.80).

Essa literatura é essencial também para que o jornalista não seja pego de surpresa e consiga reconhecer em qualquer comentário ou dado um motivo ou não para uma investigação maior. Uma matéria pode começar pautada em um simples comentário, mas que, melhor investigado, faz emergir uma grande reportagem. A literatura também deve ser sobre quantas áreas tiverem relação com o esporte ou os esportes a serem tratados.

“Aconsejo llevar un dossier diario de todo cuanto se publica relacionado con ese deporte, sus competiciones, los entes públicos o privados que lo intentan dominar, de esa forma lo que hoy no es noticia sino un simple comentario, puede ser importante o decisivo a la hora de efectuar una investigación en toda regla de cuanto sucede en un deporte o en varios deportes”.(Alcoba, 2012)

Para Carvalho (2012), as aulas precisam ser abordadas de forma a possibilitar que os alunos compreendam os esportes e esse ensino poderia ocorrer em forma de seminários, produção de textos, produção de programas radiofônicos e televisivos. Essa dinâmica incluiria a participação de alunos de outros cursos que tenham vinculação de conteúdo comum. Dessa forma ocorre a aproximação entre produção e conteúdo e o produto final tende a ser interessante pela riqueza de detalhes.

Teoria, no entanto difere da realidade. O ensino do jornalismo esportivo é bem diferente do que pretendem os especialistas. Em uma pesquisa realizada por meio de consulta às universidades credenciadas junto ao Ministério da Educação, através da sua página eletrônica, verificou-se que apenas 0,22% oferecem cursos de pós-graduação em jornalismo esportivo, ou seja, apenas seis¹² em um universo

¹² Faculdades de Estudos Avançados do Pará (FEAPA), Centro universitário de Brasília (UniCEUB), Centro de Ensino Superior Juiz de Fora (CES/JF), Centro Universitário Una de MG, Faculdades Integradas Rio Branco de SP e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

de 2.656¹³ instituições de ensino superior, sejam elas públicas ou privadas. Já as que possuem ao menos disciplina de JE ou jornalismo especializado com a editoria esporte incluída aumenta para 25¹⁴, sendo nove¹⁵ como eletivas, não integrando o currículo obrigatório do curso. Dentre as 2.656, foram 273 universidades pesquisadas por apresentarem a faculdade de Jornalismo ou Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo. Com a grade curricular, ou disciplinas do curso, disponível em seu site, foram 230 em todo o Brasil. Os números apresentados talvez expliquem o porquê das características afirmadas pelos pesquisadores anteriormente. Um jornalismo fraco, generalista e superficial.

Não é possível se qualificar se não se oferece oportunidade para tal. É verdade que os dois maiores eventos esportivos do mundo sendo sediados no Brasil estimulou a aparição de cursos rápidos, de extensão, ou cursos técnicos. Cursos que ensinam apenas isso mesmo: a técnica, prevalecendo sobre o conteúdo. Não que eles não sejam importantes, são, mas a formação começa na universidade e a especialização também. É na universidade que o futuro profissional terá a formação integral, cursando disciplinas relacionadas com sociologia, psicologia, economia, fundamentais para o desenvolvimento do bom profissional. Profissional esse que contribuirá com a qualidade necessária ao atual estágio do jornalismo desenvolvido no Brasil.

Sem essa preparação, o que acaba acontecendo é o estudante optar pela editoria de esportes apenas pela paixão, sem o preparo necessário, apenas aquele adquirido na prática através de estágios realizados durante a faculdade. E assim, o

¹³ Conforme pesquisa textual pelas categorias Público (295) e Privadas (2361) no Portal <http://emec.mec.gov.br/> em 30 de abril de 2012.

¹⁴ Faculdades de Estudos Avançados do Pará (FEAPA), Faculdade 7 de Setembro do CE(FA7), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Faculdades Integradas Barros Melo de PE (Fibam), Universidade Federal de São João Del Rei de MG (UFSJ), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal Fluminense (UFF), Faculdades Ibmecc do RJ, Unicarioca, Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de São Paulo (USP), Centro Universitário de Araraquara (Uniara), Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), UniSEB de SP, Universidade Presbiteriana Mackenzie de SP, Universidade Cruzeiro do Sul de SP, Universidade de Santo Amaro de SP, Unisinos do RS, Centro Universitário Franciscano do RS, Centro Universitário Ritter dos Reis de RS (Uniritter), Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹⁵ Faculdade 7 de Setembro do CE(FA7), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal Fluminense (UFF), Faculdades Ibmecc do RJ, Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

esporte continua sendo apenas mais uma editoria, entre tantas outras, mas não especializada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só com qualificação, a visão de que o esporte não integra uma área especializada do jornalismo, de que ele só gera entretenimento ou, quando é jornalismo é um jornalismo superficial e generalista poderá ser modificada. O estilo diferente, solto, sem tanta rigidez que se vê nas páginas dos jornais na editoria de esporte não significa e não pode significar texto sem conteúdo, sem análise, sem informação, ou apenas dados superficiais ou que privilegiem o entretenimento. É sim possível utilizar esse espaço para narrar os fatos, contar detalhes e explicar o esporte. Contar o que já foi visto na televisão no dia anterior, não tem sentido. O papel do jornalismo é ampliar a discussão, estender os fatos, contar mais do que não foi visto e verificado pelo torcedor.

O papel do profissional do jornalismo esportivo é contar o esporte e todas as áreas envolvidas, desde a preparação do atleta, da infraestrutura em que está sendo disputado o evento, o porquê daquele esporte. Mais do que só o esporte de alto rendimento, o esporte amador, o escolar. Para tanto, parceria com profissionais da educação física, da preparação física, com as federações e universidades - fonte do conhecimento -, são alternativas viáveis para essa busca da qualidade. De nada adianta, se o profissional que narrará não tiver conhecimento sobre o tema a ser tratado, pois só se transmite sobre aquilo que se conhece. Tal conhecimento só será adquirido com o estudo. A graduação é o primeiro passo, que, conforme sugerindo por Alcoba (2012), poderia conter duas fases, a geral e a que separaria a especialização. Ou o jornalista busca a especialização após a sua formação na universidade, que é como acontece no Brasil. Algumas universidades ainda apresentam a disciplina de jornalismo esportivo já durante a faculdade, sendo o primeiro passo para a busca do aperfeiçoamento.

Por ser um tema sempre em constante mudanças – as modalidades deixam de ser ou tornam-se olímpicas, as regras podem ser alteradas com os anos - a

constante atualização é imprescindível para quem quer ser realmente um bom profissional.

Não basta apenas ler o regulamento, mas interpretá-lo, entendê-lo, e compreender a sua prática e quem são seus praticantes para então transmitir isso de uma forma clara e compreensível para os espectadores. Além disso, transmitir de uma forma que agrade os aficionados e seguidores do esporte, como os leigos.

A universidade amplia o conhecimento e a cultura, forma o profissional e o cidadão. Só assim, valorizando o estudo que poderemos melhorar o que hoje chamamos de jornalismo esportivo, para que enfim possamos o considerar realmente especializado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Entrevista concedida à autora por e-mail**. Madri.Porto Alegre, 2012.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O pensamento de Antonio Alcoba e sua importância na trajetória dos estudos e pesquisas sobre o Jornalismo Esportivo no Brasil**. Palestra apresentada no NP18 – Comunicação e Esporte no V Encontro de Núcleos e Pesquisa da Intercom, 2005. Documento eletrônico disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-1.pdf>>. Acesso em: 17 de abril de 2012.

_____. **Entrevista concedida à autora por e-mail**.Campinas.Porto Alegre, 2012.

CARVALHO,Sergio. **Entrevista concedida à autora por e-mail**.Santa Maria.Porto Alegre, 2012.

DA SILVEIRA, Nathália Ely. **Jornalismo Esportivo: Conceitos e Práticas**. Porto Alegre, 2009. Monografia (Graduação em Comunicação Social – habilitação Jornalismo), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HAMMES, Marli Hatje. **Entrevista concedida à autora por e-mail**. Santa Maria. Porto Alegre, 2012.

MALULY, Luciano Victor Barros. **Jornalismo esportivo – desafios e propostas**. Caxias do Sul, 2010 Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Esporte do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo esportivo não é só entretenimento**. 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Grupo de trabalho: Produção Laboratorial: eletrônicos.